

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



O sumiço do sobrenatural

Faz tempo que não ouço uma história de assombração. As almas não têm aparecido nem no bar da Baixinha, onde costumavam bater ponto, arrastando cadeiras, mexendo nas panelas e fazendo outras diabruras que deixavam a valente proprietária na dúvida entre descerrar as portas de aço e sair, com receio de encontrar um assaltante fazendo cena, ou se trancar dentro do bar, com risco de ficar presa com os ectoplasmas.

Sumiram. Desapareceram também das casas abandonadas do Lago Norte, locais de muitos relatos de coisas esquisitas e ruídos inquietantes que deixavam vizinhos de cabelo em pé, quando não pelo terror, pela proliferação de saruês e cupins.

Fantasma aparecer e sumir é próprio da, digamos, espécie. Mas a falta de novos relatos, no mínimo, mostra que estamos ficando com a imaginação reduzida. Talvez a responsabilidade seja essa iluminação com lâmpadas LED que clareiam demais; aliás, daqui a pouco podem ser proibidas por algum juiz bem-intencionado, já que interferem no trabalho dos amigos do alheio.

Sabe-se que esse tipo de iluminação já vem afetando o hábito de alguns animais. Há muito menos caburés, morcegos e pirilampos do que anos atrás; mas para os bichos de luz, a tecnologia ampliou o tempo de vida,

já que a luz fria, óbvio, não queima e não se vê mais aquele morticínio sob os postes. O mesmo está valendo para as visagens.

Abantesmas vêm assustando as pessoas desde tempos imemoriais, mas foi o grego Luciano de Samósata quem primeiro incluiu um ser fantasmagórico numa obra, *Diálogo dos Mortos*, no século II d. C. Era uma participação discreta.

Com o tempo, os personagens cresceram, viraram protagonistas, como o *Fantasma da Ópera*, de Leroux, o fantasma de Ebenezer Scrooge, de Dickens (que, aliás, deu origem ao Tio Patinhas, da Disney) e a Mulher de Branco, de Collins. Há especialistas na arte de aterrorizar pessoas, como o escritor Stephen King e o quadrinista, no caso mangaká, Junji Ito.

Tudo para refletir uma estranha necessidade humana de sentir emoções fortes,



incluindo medo. Há uma explicação científica: o medo libera endorfina. Mesmo agindo a partir de um desconforto, o eriçar dos pelos da nuca é um agente de prazer, principalmente se vier acompanhado do alívio.

Brasília é uma cidade nova, construída sobre uma terra quase desabitada e, portanto, não tem uma história muito rica de fantasmas célebres. Talvez, o mais

famoso seja o do Teatro Nacional — cabe esclarecer que a história é anterior à morte do maestro Cláudio Santoro, acometido de infarto enquanto ensaiava a orquestra. Priscas eras, Jozélia Amorim escreveu algumas reportagens para este **Correio** sobre o assunto e o maestro estava vivo.

Também havia quem se assustasse com as almas de oito operários mortos na

construção da UnB ou do anhangá da 407 Norte. São lendas mortas.

No bar, foi levantada a hipótese da claridade das lâmpadas de LED assustar fantasmas, ainda que a Asa Norte continue no breu e, ao que parece, livre de assombrações. Houve celeuma. A maioria deliberou que no Brasil de hoje o terror de verdade está na primeira página dos jornais.